

UM ESPETÁCULO MELANCÓLICO: VARGAS LLOSA E SUA INTERPRETAÇÃO DA CULTURA

A MELANCHOLIC SPECTACLE: VARGAS LLOSA AND HIS INTERPRETATION OF CULTURE

UN ESPECTÁCULO MELANCÓLICO: VARGAS LLOSA Y SUINTERPRETACIÓN DE CULTURA

Adriana DUSILEK*

Márcio Roberto PEREIRA**

LLOSA, Mario Vargas. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Tradução de Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

Em “A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura”, obra originalmente publicada em 2012, sob o título “La civilización del espectáculo”, observa-se um Mario Vargas Llosa espantado diante de uma concepção de cultura que seria não apenas mais pluralista, como também mais fútil, e cujas transformações, ao longo da história, teriam como consequência, segundo ele, sua banalização.

O livro é estruturado em seis capítulos, os quais tratam desde a expressão utilizada “civilização do espetáculo”, passando pelos vários significados que a noção de cultura teve, ao longo da história; pela questão do empobrecimento e da desordem pela qual passou o ensino público em nível mundial; pelo desaparecimento do erotismo em contraposição à exposição exagerada da vivência sexual; pela relação entre cultura, política e poder até a temática da religião na era pós-moderna.

*Doutora em Literatura e Pós-doutoranda pela Universidade Estadual de São Paulo/Assis/PNPD-CAPES. Contato: adrianadusilek@uol.com.br.

**Docente do Departamento de Literatura da Universidade Estadual de São Paulo/Assis. Contato: marciopereira@assis.unesp.br.

Ao final de cada capítulo há uma espécie de anexo, antecedido pela expressão “Antecedentes/ Pedra de toque” e seguido de um título. Nesses textos, sempre em itálico, o escritor peruano oferece outros exemplos e reflexões sobre o assunto tratado, às vezes a partir de sua própria experiência ou de notícias da atualidade. São trabalhos anteriormente publicados no jornal “El País”, de Madri, no período de 1995 a 2011 (daí o nome “Antecedentes”), com exceção do último texto, “Dinossauros em tempos difíceis”, que foi sua leitura na FrankfurterPaulskirche, em 6 de outubro de 1996, ao receber o Prêmio da Paz (Friedenspreis) dos Editores e Livradores Alemães.

Já na introdução, denominada “Metamorfose de uma palavra”, Vargas Llosa se mostra bastante pessimista e afirma que a cultura, em seu sentido tradicional, está prestes a desaparecer. Recupera alguns ensaios sobre o tema, de T.S. Eliot, com suas “Notas para uma definição de cultura” (1948), ao livro “A cultura-mundo”: resposta a uma sociedade desorientada (2010), de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, e “Mainstream” (2010), de Frédéric Martel, passando por “La société du spectacle” (1967), de Guy Debord, e “No castelo do Barba Azul”: algumas notas para a redefinição da cultura (1971), de George Steiner, destacando que, se em Eliot havia ainda uma concepção de cultura mais clássica, e este chegaria a defender a chamada “alta cultura” como patrimônio de uma elite, Martel tratará do solapamento dessa pelo *Mainstream*, ou cultura do grande público, para o qual seriam essenciais o sucesso comercial, além da maciça produção industrial. Vargas Llosa lamenta que tenha havido, entre esses dois autores, uma mudança traumática na ideia de cultura.

O primeiro capítulo, “A civilização do espetáculo”, que dará o tom aos demais, desenvolve a ideia de que na atualidade o entretenimento ocupa “o primeiro lugar na tabela de valores” (LLOSA, 2013, p. 29) e investiga as causas dessa mudança. Essa é uma constatação que se verificaria na crítica, nas artes plásticas, na religião, no cinema, na música, na política, na visão sobre o sexo. E a consequência para a literatura seria ela tornar-se menos exigente, com a intenção, sobretudo, de divertir. Na civilização do espetáculo outro corolário seria uma maior valorização das celebridades artísticas e esportivas em detrimento da figura do intelectual, que teria desaparecido dos debates públicos. Vargas Llosa também aponta para o papel que teve o jornalismo para essa situação.

No segundo capítulo, o autor discorre sobre a concepção de cultura ao longo da história, com seus diversos significados e nuances. No entanto, afirma sempre ter havido o estabelecimento de categorias sociais entre as pessoas que cultivavam a cultura e uma distinção entre pessoas cultas, mais ou menos cultas e incultas, mas que isso estaria mudando em nosso tempo pela ampliação da noção de cultura, contribuindo para uma confusão a esse respeito. Assim, nessa época pós-moderna em que se questionam as noções de verdade e progresso, também o conceito de cultura está sendo questionado, e tudo estaria no mesmo patamar, em termos de cultura. Para Vargas Llosa isso não é bom, pois tal nivelamento seria um desserviço à educação da sensibilidade.

Do terceiro ao sexto capítulos o escritor versará sobre questões instigantes na constituição dessa era espetacular. No terceiro capítulo, intitulado “É proibido proibir”, por exemplo, a partir da observação do desprestígio da ideia de professor e de magistério – já que a noção de “autoridade” teria se tornado suspeita e perniciosa – questiona as consequências da ideologia francesa de maio de 68, e também filósofos como Michel Foucault e Derrida, que teriam subvertido a “confiança em qualquer verdade” (LLOSA, 2013, p. 79). Dessa forma, teriam eles contribuído para que a civilização pós-moderna desarmasse moral e politicamente a cultura de nosso tempo.

No quarto capítulo há um lamento pelo fim do erotismo – que seria um dos “componentes determinantes” da civilização – devido à abolição dos rituais e da discricção. Assim, o desaparecimento dos preconceitos não deveria significar o fim do mistério, graças ao qual, segundo Vargas Llosa, o sexo se civilizou e humanizou. E na literatura a passagem do erótico para o pornográfico estaria no descuido das formas, ou, melhor dizendo, na inabilidade ou negligência do escritor na construção da linguagem e das situações. Isso seria consequência de uma liberdade perversa, ou a crença de que tudo deva ser explicitado.

Vargas Llosa também avalia negativamente, no quinto capítulo, a relação entre cultura e política, já que, para ele, “enquanto nas sociedades autoritárias é a política que corrompe e degrada a cultura, nas democracias modernas é a cultura – ou aquilo que usurpa seu nome – que corrompe e degrada a política e os políticos” (LLOSA, 2013, p. 118). Essa visão é baseada na análise de que muitas vezes os meios de comunicação, que deveriam ajudar no aperfeiçoamento da

democracia, atuam de maneira frívola, ávidas por misérias da vida pública. O autor cita o caso Wikileaks, de Julian Assange, pelo qual se expôs ao público a intimidade da vida política e diplomática, e que teria menos uma preocupação fiscalizadora e mais a intenção de entreter e desacreditar as instituições. Apesar de ressaltar que a cultura não seria a única culpada pela desvalorização da política, citando também os baixos salários dos funcionários públicos, que atrairiam apenas os incompetentes e os desonestos, aponta ainda o desapego à lei como aspecto determinante de nossa época. Para isso, dá razões e exemplifica com a questão da pirataria de vídeos, discos, livros e outros produtos.

No último capítulo, intitulado “O ópio do povo”, é desenvolvida a ideia de que a religião, na era pós-moderna, não apenas não está morta como ocupa um importante lugar na atualidade, e em quase todos os conflitos mais sangrentos ela apareceria como razão profunda da discórdia. Analisando as causas da crença do ser humano numa divindade, Llosa afirma que além da ideia da morte, o que mantém viva a transcendência é a crença de que, para tornar esta vida suportável, é “indispensável uma instância superior à terrena, onde se recompense o bem e se castigue o mal, onde haja distinção entre boas e más ações” (LLOSA, 2013, p. 150), pois existiria a convicção de que “a justiça total não é deste mundo” (LLOSA, 2013, p. 150). Seria por isso que a religião permaneceria principalmente entre os pobres e injustiçados. Outro argumento que analisa é o de que, caso as pessoas tivessem certeza de que estariam sozinhas no mundo, sobreviria a regressão selvagem à lei do mais forte, pois as tendências cruéis do ser humano seriam freadas não pelas leis ou pela “moral preconizada pela racionalidade dos governantes” (LLOSA, 2013, p. 151), mas pela religião. Assim, para Vargas Llosa, “os homens se empenham em crer em Deus porque não confiam em si mesmos” (LLOSA, 2013, p. 152). E após falar dos aspectos positivos da religião o autor ressalta a importância do estado laico. Caso contrário haveria uma “ameaça ao pluralismo e à diversidade que caracterizam as sociedades abertas” (LLOSA, 2013, p. 160).

É assim que Vargas Llosa, prêmio Nobel de Literatura de 2010, chega a um balanço melancólico, após ter a sensação, nos últimos anos, ao visitar exposições, de assistir a espetáculos, peças de teatro, filmes, programas de televisão, e ler certos livros, de que

estavam, como ele diz, gozando de sua cara. A cultura, deste modo, teria se transformado numa forma de diversão para o grande público ou em “um jogo retórico, esotérico e obscurantista para grupelhos vaidosos de acadêmicos e intelectuais que dão as costas ao conjunto da sociedade” (LLOSA, 2013, p. 182). E se antes a cultura também fora um meio de chamar a atenção para os problemas sociais, hoje seria um “mecanismo que permite ignorar os assuntos problemáticos” (LLOSA, 2013, p. 183).

Ressalvado o tom exageradamente alarmista, Vargas Llosa contribui para o debate sobre o conceito de cultura e o papel da crítica nos dias de hoje, visto que questiona pontos importantes do pós-modernismo, passando pelos conceitos de cânone, hierarquia e totalização.

Recebido em 27/03/2014

Aceito em 29/04/2014